

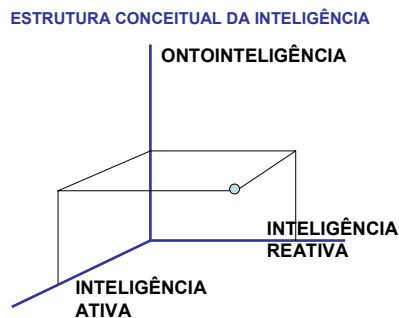
Ontologia da evolução da inteligência humana

Este é o resumo dos resultados da investigação desenvolvida, com a condução de Peter Belohlavek, sobre a ontologia da evolução da inteligência humana.

A evolução da inteligência segue as mesmas leis de evolução da natureza. Esta investigação está baseada na aplicação das leis da teoria unicista de evolução ao desenvolvimento da inteligência humana.

Como havia sido publicado oportunamente, a inteligência humana está integrada por uma inteligência reativa, uma ativa e uma ontointeligência. Entre as três conformam a base da ação de adaptação do homem.

As três inteligências na verdade atuam como uma, onde o propósito está definido pela inteligência ética que estrutura o fim último que o indivíduo busca ser e fazer.



A função verbal, o procedimento, está dado pela inteligência reativa que está em contato com o meio e a inteligência ativa que é o apoio e limite dessa ação no meio.

Os componentes da inteligência reativa são:

- 1) O coeficiente emocional
- 2) O coeficiente intelectual
- 3) O coeficiente de elaboração de frustrações

Os componentes da inteligência ativa são:

- 1) A inteligência conceitual: a capacidade empática introjetiva e simpática de influência.
- 2) A inteligência funcional: o tipo de inteligência de um indivíduo (musical, lógico-matemática, etc.).
- 3) A inteligência vincular: Intrapessoal ou Interpessoal.

Os componentes da ontointeligência são:

- 1) A inteligência ética: a funcionalidade das regras de jogo de um indivíduo.
- 2) O estilo estratégico: a forma em que um indivíduo enfrenta a realidade à que busca se adaptar.
- 3) O tipo de pensamento: o mecanismo que utiliza a mente de um indivíduo para resolver os problemas que lhe traz a adaptação ao meio.

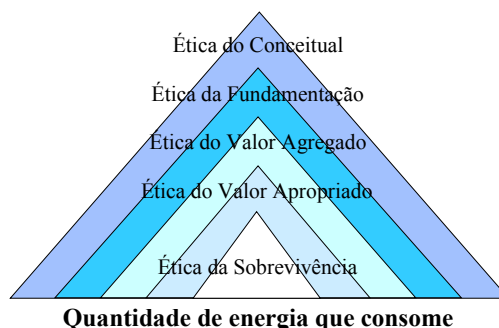
A inteligência ética é a mais profunda, a que regula as condutas de adaptação do homem ao meio.

A evolução da inteligência se produz quando melhor consegue seu último propósito, de maneira que a evolução da inteligência implica desenvolver a inteligência ética.

Esta investigação conseguiu descrever como se produz a evolução da inteligência ética utilizando as leis da teoria unicista de evolução.

Os diferentes níveis de inteligência ética são:

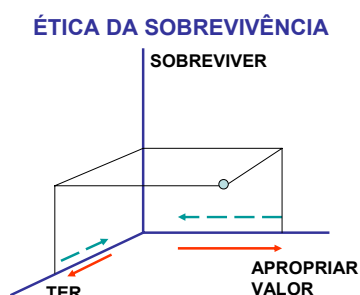
Pirâmide das Éticas em relação ao consumo de energia pessoal



Copyright© Peter Belohlavek/ The Unicist Research Institute

A evolução e involução da inteligência ética

Do ponto de vista de sua ontologia, a ética evolui a partir do menor nível de inteligência que é a ética da sobrevivência:





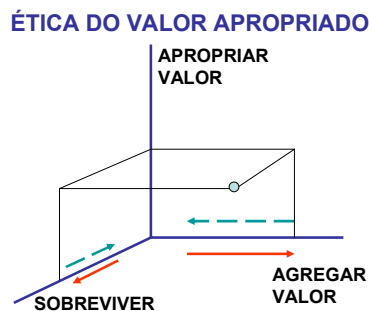
O mais básico da inteligência ética é contribuir com que o indivíduo viva. Dali começa a evolução.

Quando se adquiriu o valor necessário para assegurar a sobrevivência, a inteligência ética evolui a um estágio superior (ver flecha pontilhada). Há que levar em conta que o valor dos “eixos” sobe para o centro e fica nulo para os extremos.

Se por falta de energia, complexos ou vícios não se puder assegurar a sobrevivência a inteligência ética involui a um nível inferior (ver flecha vermelha) .

O nível inferior implica um menor nível de moral e o uso parcial ou total da antiinteligência.

Supondo uma evolução e não uma involução, passa-se ao seguinte nível de ética que é a ética do valor apropriado.



A ética do valor apropriado implica que o propósito se consegue se o indivíduo agrega valor.

Quando se agrega mais valor do que se apropria, a sobrevivência passa a estar ameaçada e a inteligência involui ao nível anterior.

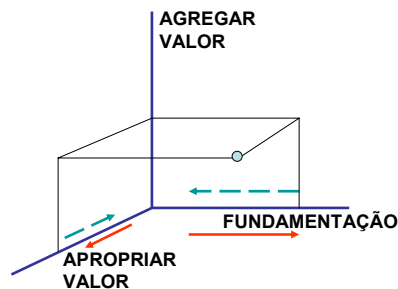
Se o valor que se adiciona é insuficiente, não há possibilidade de obter a contrapartida de valor apropriado e, portanto a ética se degrada.

Se por falta de energia, por complexos ou vícios o valor agregado diminui em relação a um estado anterior, naturalmente a ética se degrada ao nível inferior.

Quando o valor que se agrega é alto, medido pelo meio, e se obtém a contrapartida necessária para crescer, então a inteligência ética evolui a um nível superior.

Supondo uma evolução, passa-se ao seguinte nível que é a ética do valor agregado.

ÉTICA DO VALOR AGREGADO



A ética do valor agregado requer do uso de conhecimentos fundados para o desenvolvimento do valor.

Agregar valor implica sempre trabalhar em uma equipe, que pode constituir-se integrando a quem provê o valor com quem o recebe ou integrando vários fornecedores e/ou vários receptores.

A condição para operar em forma construtiva e sinérgica implica uma forte orientação a compartilhar o “espaço vital” para construir.

Quando a fundamentação é suficiente para o objeto que está se construindo e para os sujeitos que intervêm, então esta ética se estabiliza.

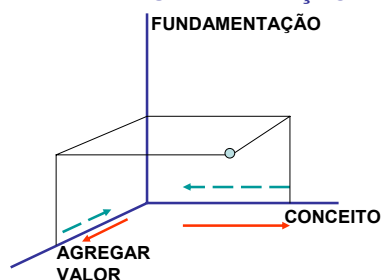
Quando se tenta construir a ética do valor agregado sobre a base de ações subjetivas, só a intuição positiva pode fazer com que estas ações agreguem valor.

Mas as ações não podem ser compartilhadas, e o valor agregado passa a ser colocado em dúvida.

Se por falta de energia ou pela existência de complexos ou falácias os fundamentos são insuficientes, então a ética se degrada e cai ao nível anterior.

Quando os fundamentos são tão sólidos e tão profundos que permitem sua ação em campos análogos ou homólogos, então a ética evolui e passa ao seguinte nível que é a ética da fundamentação.

ÉTICA DA FUNDAMENTAÇÃO





A ética da fundamentação se sustenta na funcionalidade conceitual. Esta ética terá se estabilizado quando se tiverem descoberto os conceitos que subjazem a uma realidade que permitam construir os fundamentos necessários para operar.

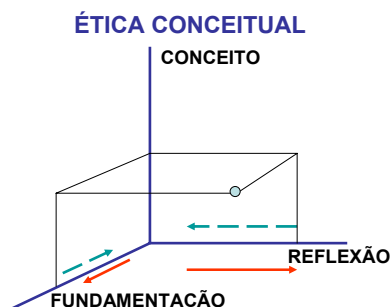
Isto permite estabelecer uma estrutura de conhecimentos rígida na operação, porém flexível no conhecimento, o que permite que os fundamentos evoluam e assegurem o objetivo último da inteligência que é adaptar-se ao meio.

Quando um indivíduo maneja os fundamentos de seu acionar, sua adaptação ao meio se torna funcional.

Esta ética é a que assegura a influência sobre todos os demais, já que é percebida como a ética que mais valor agrega no mundo material.

Quando os conceitos são falaciosos, então os fundamentos se tornam inválidos e o indivíduo cai na ética de nível inferior.

Só se eleva esta ética se um indivíduo se desprende do material e é capaz de integrar a realidade do contexto restringido com um contexto amplo onde já não há benefícios para as partes.



A ética conceitual é o mais elevado estado do indivíduo onde a reflexão o coloca em contato com o meio visto em toda sua amplitude.

É a ética da sabedoria. Quem realmente a consegue já não declina.

A evolução da inteligência integral

Quando a inteligência ética evolui potencializa as inteligências homeostáticas da inteligência ativa e reativa, isto é que potencializa a inteligência vincular e a capacidade de elaborar frustrações.

Mas o declínio da inteligência ética diminui sua capacidade de elaborar frustrações e sua capacidade de manejar vínculos intrapessoais e interpessoais. Com isso se dá lugar à construção de falácias e ao uso da antiinteligência como saída aparente dos problemas.



Dali que o desenvolvimento da inteligência ética seja o motor do desenvolvimento da inteligência do homem. A maturação pessoal é o caminho de evolução da pessoa.

A maturidade é o desenvolvimento de uma capacidade de dar cada vez mais com menos e estar menos ocupado de si mesmo.

Inteligência ética e antiinteligência

Há dois níveis de inteligência ética onde há uma permanente ameaça de cair nos complexos e/ou na antiinteligência: a inteligência da sobrevivência e a inteligência do valor apropriado.

Na primeira inteligência, a da sobrevivência, a antiinteligência é a tábua de salvação para não morrer (literalmente).

Quando se declina se degrada a moral com que se opera. As regras de jogo se tornam caóticas e o indivíduo as adapta a um nível mais proveitoso para ele à custa do meio.

Na inteligência do valor apropriado o risco está dado por cair dois degraus, devido à decadência dos valores morais que está implícita em todo fracasso.

Por isso quando se declina, partindo da ética do valor apropriado, a probabilidade de cair em um duplo salto para a antiinteligência é alta.

Inteligência e cultura

Do ponto de vista do desenvolvimento humano há três contextos culturais possíveis:

- 1) A cultura da abundância
- 2) A cultura da pobreza
- 3) A cultura da escassez

Denominamos cultura da abundância ao meio onde os recursos que necessita o indivíduo estão disponíveis e são de fácil acesso.

Denominamos cultura da pobreza o meio onde não há recursos, ou se há eles são inacessíveis e o homem se submete à impossibilidade de aceder a eles.

Denominamos cultura da escassez a aquela cultura onde há pobreza, porém o homem coloca a energia necessária para obter os recursos “inacessíveis”, por meios legítimos adaptados aos demais e ao meio em que vive.

As culturas da abundância e da pobreza são inibidoras do desenvolvimento da inteligência, tendem a catalisar a antiinteligência.

Só a cultura da escassez é impulsora do desenvolvimento da inteligência.



O desenvolvimento pessoal da inteligência

A ação é o caminho natural para desenvolver a inteligência. A ação pode ser física ou intelectual. Mas é ação na medida em que tenha um propósito, um procedimento e uma guia de ação.

Quando a ação está planejada, permite fazer um controle de gestão e ajuste, com o qual vai se construindo conhecimento sobre a base da aprendizagem a partir dos desvios.

Para resolver os desvios se necessita conhecer o fundamento dos mesmos. No mundo material, o caminho que leva ao desenvolvimento da inteligência, é o manejo baseado em fundamentos.

Os fundamentos são argumentos que são razoáveis, compreensíveis e comprováveis. Quando um indivíduo se maneja com fundamentos seu conhecimento vai se ampliando, com o que faz cada vez mais relativo, deixando cada vez maior lugar aos demais.

Nos níveis superiores da inteligência já não se necessita de erros para aprender, já que é o caminho da melhoria do que funciona bem.

The Unicist Research Institute